

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO DE APERFEIÇOAMENTO - PROGRAMA DE FORMAÇÃO CONTINUADA
ESCOLA DA TERRA**

**GIZELE CRISTIANA CARNEIRO
SANDRA APARECIDA DA SILVA**

**A ELABORAÇÃO DE EMENTAS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA
PARA O NOVO ENSINO MÉDIO DO ESTADO DO PARANÁ**

Relato de Experiência apresentado ao curso de Aperfeiçoamento do Programa de Formação Continuada Escola da Terra da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador(a): Prof.(a) Natacha Eugenia Janata

LARANJEIRAS DO SUL

2024

RESUMO

A lei 14.945/2024, aprovada pelo Governo Federal, promoveu a reformulação do sistema educacional brasileiro, focando no Novo Ensino Médio (NEM), que visa oferecer uma formação mais diversificada e personalizada conforme os interesses dos alunos. Embora esta mudança seja significativa, ela não é unanimidade no setor educacional. O texto aqui apresentado, em formato de relato de experiência, discorre sobre a construção coletiva das Ementas dos Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio, na modalidade da Educação Escolar Quilombola do Paraná, realizada em conjunto com a comunidade escolar e duas técnicas-pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR), entre os meses de junho a dezembro de 2023. Esse trabalho faz parte do programa Escola da Terra, destinado à formação continuada de professores que atuam em comunidades do campo e quilombolas. As experiências das docentes serão apresentadas em primeira pessoa no relato, refletindo suas trajetórias e a construção do conhecimento coletivo.

Palavras-chave: Novo Ensino Médio; Educação Escolar Quilombola; Formação Continuada.

SUMÁRIO

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA.....	3
1.1 TRAJETÓRIAS DE EDUCADORAS QUE SE CRUZAM E LEVAM AO CONTEXTO QUILOMBOLA.....	4
2. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E A EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DAS EMENTAS.....	7
2.1 NO VALE DO RIBEIRA TEM UMA ESCOLA QUILOMBOLA.....	9
2.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS EMENTAS: DIFICULDADES E AVANÇOS.....	16
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
4. REFERÊNCIAS.....	21

1. PARA INÍCIO DE CONVERSA...

A reformulação do sistema educacional brasileiro aprovada pelo Governo Federal a partir da lei 14.945/2024 - a qual revogou parcialmente a legislação de n.º 13.415/2017 - prevê a reestruturação do Ensino Médio. Amplamente conhecida como Novo Ensino Médio (NEM), tem como proposta a oferta de uma formação mais diversificada e personalizada a partir do interesse de aprofundamento formativo dos estudantes. É válido ressaltar que, embora aprovada, a reformulação não é um consenso no campo educacional.

Em que pese a importância do debate público a respeito do NEM, o relato aqui proposto pretende discorrer sobre a experiência de construção coletiva das Ementas dos Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio na Educação Escolar Quilombola do Paraná, a partir do trabalho técnico-pedagógico exercido por duas docentes da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR), no período de junho 2023 a dezembro de 2023.

Vale destacar que o texto aqui apresentado integra a proposta de formação continuada do Escola da Terra, um programa do governo federal, ligado à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão, do Ministério da Educação, a qual tem como objetivo ofertar formação continuada a professores que atuam nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental - compostas por estudantes de variadas idades - promovendo a melhoria das condições de acesso, permanência e aprendizagem dos estudantes do campo e quilombolas em suas comunidades, fortalecendo a escola como espaço de vivência social e cultural.

No período de novembro de 2023 a setembro de 2024 realizamos o curso de aperfeiçoamento, de 180 horas, ofertado pela Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Laranjeiras do Sul – no qual abordamos questões que fundamentam e perpassam a construção das escolas do campo, de áreas de reforma agrária, quilombola e indígenas no Paraná, especialmente as que trabalham com turmas multisseriadas e multianos.

Antes de adentrarmos nas reflexões acerca da experiência citada compreendemos a importância de situar de que forma a trajetória dessas duas docentes da SEED/PR se articulam e levam a escolha dessa temática para o

trabalho de conclusão do curso. Sendo assim, passamos a discorrer o texto na conjugação da primeira pessoa no singular, tratando individualmente de cada trajetória para, posteriormente, darmos sequência ao relato e reflexões a partir do *nós!*

1.1 TRAJETÓRIAS DE EDUCADORAS QUE SE CRUZAM E LEVAM AO CONTEXTO QUILOMBOLA

Sou Gizele e minha trajetória docente começa em Guarapuava, início dos anos 2000. Formada em magistério subsequente ao Ensino Médio, aprendi a ser professora trabalhando em um projeto de contraturno escolar ofertado por uma empresa madeireira às filhas e aos filhos de seus funcionários. A instituição ficava em um bairro periférico onde as indústrias se instalavam na região. Ali, fui compreendendo sobre o acolher afetuoso, o cuidado, o trabalho humanizado que deveria desenvolver não como mero ofício, mas como um princípio de existência visto que as crianças atendidas viviam situações de muita precariedade.

Passei a trabalhar como educadora em uma “casa-lar” para crianças com deficiências (PcD), as quais tinham sido abandonadas pelos familiares. O cuidado exercido era o de “mãe social”: banho, alimentação, acompanhamento escolar, acompanhamento médico... uma experiência que só colaborou ainda mais para meu desenvolvimento humano.

Em 2003, prestei vestibular para Letras Português na Universidade Estadual do Centro-Oeste, dando início a minha formação acadêmica no ano seguinte. Ingressei, também em 2004, como servidora pública municipal. Fui professora em Centros Municipais de Educação Infantil - CMEIS e, posteriormente, em uma escola rural. Em 2008, finalizada a graduação, prestei concurso para a rede estadual de ensino. Trabalhei por dois anos na região metropolitana de Curitiba - em Fazenda Rio Grande -, novamente em uma escola periférica a qual atendia majoritariamente estudantes negros. Foi ali com a diretora Vera - mulher negra - junto a minha aproximação do movimento sindical, que comecei a refletir de modo mais incisivo sobre as questões raciais.

Depois de dois anos em Fazenda Rio Grande, fui para Curitiba onde permaneço até hoje. Dediquei-me de forma mais orgânica ao sindicato; aprendi muito sobre lutas de classe, gênero e raça. Em meio a essa trajetória, busquei o

contínuo formativo tanto no campo das letras, quanto no campo que se refere às lutas sociais.

Em 2019, entro no Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no qual desenvolvo pesquisa relacionada a um movimento social de mulheres que fazem batalhas poéticas na rua - o Slam das Gurias. Em 2023 fui convidada a compor como técnica-pedagógica a Equipe de Educação para as Relações Étnico-Raciais e Escola Quilombola, na Coordenação de Diversidade e Direitos Humanos, do Departamento de Educação Inclusiva da Secretaria de Estado da Educação. Ali, tenho ampliado minha compreensão sobre as questões raciais, dedicando-me a produzir material formativo para toda a rede, atendendo as Equipes Multidisciplinares para a Educação das Relações Étnico-Raciais - EMERER -, bem como prestando assistência às escolas que demandam nossa atuação de modo mais incisivo.

É a partir deste lugar que chego à formação da Escola da Terra, tendo em vista o atendimento prestado pela equipe às escolas quilombolas. Isso posto, o trabalho de conclusão do curso traz a compreensão de que a escrita das ementas do Novo Ensino Médio para a modalidade Educação Escolar Quilombola demanda, por princípio, uma prática educativa que considere as especificidades históricas dos sujeitos e das comunidades quilombolas.

Sou Sandra e meu lugar de fala foi constituído por minhas experiências de vida social e acadêmica e se fortaleceu por meio dos meus diálogos com pesquisas em Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e feminismo negro. Isso posto, reconheço-me como mulher negra, pesquisadora e professora.

Sou formada em História pelas Faculdades Integradas Espírita desde 2006. Em seguida, fiz especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), vinculado à Coordenação de Estudos e Pesquisas Inovadoras na Graduação (CEPIGRAD), da Pró-reitoria de Graduação e Educação Profissional (PROGRAD) da Universidade Federal do Paraná, concluída em 2015. Com a especialização, ampliei meus conhecimentos e interesse nos temas que envolvem as relações étnico-raciais, o que me conduziu à Secretaria de Estado da Educação do Paraná, como técnica-pedagógica do Departamento de Educação Inclusiva, Coordenação de Diversidade e Direitos Humanos, Equipe de Educação para as Relações Étnico-raciais e Educação Escolar Quilombola, como responsável pela demanda de Educação Escolar Quilombola.

Atuei como professora desde 2007 na rede estadual de educação, sempre nas regiões periféricas: primeiramente no município de Colombo, como professora em regime de contrato temporário e, a partir de 2011, como professora do quadro próprio do magistério do estado, assumindo minha função no município de Almirante Tamandaré.

Atuei como gestora escolar durante o ano de 2021, em escola situada em Almirante Tamandaré. Nesse período, implantamos o programa Paraná Integral, no qual os alunos permanecem nove horas na escola, tendo componentes curriculares complementares além dos da base comum. Retornei à sala de aula ao final do ano de 2021, onde me dediquei na defesa de uma pedagogia libertadora e emancipatória.

Como professora sou atuante no combate ao racismo presente em nossa sociedade. Atualmente faço parte de grupo de estudos, pesquisas e extensão com foco em Educação para as Relações Étnico-Raciais, mulheres e crianças negras EreYá, vinculado a UFPR, ao qual pertenço desde o ano de 2019.

A participação nesse grupo de estudos me possibilitou ministrar oficinas, participar como uma das colaboradoras na organização de três seminários com ampla divulgação no campo acadêmico e social. Também participei de *lives* sobre a temática ERER; publiquei um capítulo de livro e um artigo em uma revista especializada. Realizei, ainda, palestra sobre Escola em Tempo Integral no Estado do Paraná para a turma de Pedagogia da UFPR, na disciplina de Práticas Pedagógicas em 2021.

No ano de 2024 realizei a formação no programa Escola da Terra no qual tenho desenvolvido conhecimentos e experiências que me levaram a refletir sobre a Educação Escolar Quilombola e suas especificidades como forma de resistência e sobrevivência do modo de vida dentro das comunidades

Diante dessas trajetórias, a temática escolhida para a escrita do trabalho de conclusão de curso se deu pela experiência de escrita das ementas dos colégios quilombolas do estado do Paraná, que possibilitou ampliar a compreensão sobre a modalidade de ensino e os modos de vida e saberes quilombolas, sua ligação com a terra e seus territórios, entre outras aprendizagens.

O trabalho é relevante por possibilitar a socialização do processo de construção das ementas, realizado juntamente com as professoras e professores quilombolas e membros das comunidades.

2. EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E A EXPERIÊNCIA DE CONSTRUÇÃO DAS EMENTAS

No cenário de reformulação do Ensino Médio brasileiro, pensar a Educação Escolar Quilombola (EEQ) se torna essencial para garantir a valorização da identidade e da herança cultural dos sujeitos quilombolas, os quais enfrentam desafios significativos de acesso e de permanência na escola. Para tanto, conforme o parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012), a EEQ:

[...] organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais, fundamentando-se, informando-se e alimentando-se de memória coletiva, línguas reminiscentes, marcos civilizatórios, práticas culturais, acervos e repertórios orais, festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país. (Brasil, 2012, p. 26)

Trata-se de uma modalidade de ensino que busca atender às necessidades e especificidades das comunidades quilombolas no Brasil - formadas principalmente pela diáspora negra resistente à opressão do período escravocrata - as quais possuem uma rica cultura, tradições e saberes que precisam ser respeitados e integrados ao processo educacional de modo a garantir um ensino significativo aos estudantes.

Nesse sentido, a proposta da Educação Escolar Quilombola, conforme as Diretrizes Nacionais é promover uma educação que valorize e reconheça a identidade e a cultura dessas populações, incluindo conteúdos que reflitam a história, os costumes, a língua, a religião e as práticas sociais das comunidades quilombolas. Como características dessa modalidade de ensino tem-se a verticalidade do conhecimento, possibilitando o diálogo entre o saber popular e o saber acadêmico, bem como a prática educacional exercida - preferencialmente - por docentes pertencentes à comunidade.

É o que aponta também o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, ao afirmar que:

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais

inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico-cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. Na estruturação e no funcionamento das escolas quilombolas, deve ser reconhecida e valorizada sua diversidade cultural. (Brasil, 2013, p.59).

Embora se tenham documentos legais que garantam a oferta da Educação Escolar Quilombola, é válido ressaltar que sua implementação efetiva ainda enfrenta desafios significativos que vão desde a falta de recursos e de infraestrutura adequada a sua especificidade, até a ausência de formação específica para os educadores que nela atuam.

Destaca-se, para tanto, que a Educação Escolar Quilombola representa um marco significativo no contexto educacional brasileiro, resultante de um longo processo de luta e resistência das comunidades negras. Tal modalidade educacional emergiu como algo necessário e urgente diante da história de marginalização e exclusão enfrentada pela população negra ao longo dos séculos.

Ainda que a legislação educacional brasileira contemple a obrigatoriedade do ensino de História e cultura Africana e Afro-brasileira – Lei n.º 10.639/03 - nas escolas, como uma política de ação afirmativa com intenção de superar esse processo de marginalização, pensar uma Educação Escolar Quilombola diz respeito a olhar para uma parcela da comunidade negra que durante o processo histórico brasileiro constituiu um modo específico de organização comunitária, de lido com a terra que, para além de ser um espaço de garantia de moradia e alimento, torna-se parte fundamental para a manutenção de modos de vida quilombola.

O estado do Paraná conta com duas escolas quilombolas. Uma, localizada em um quilombo urbano – Comunidade Adelaide Maria da Trindade Batista -, no município de Palmas, a 372 quilômetros da capital paranaense. De atendimento em tempo integral - para estudantes do ensino fundamental – e regular – para estudantes do ensino médio - a comunidade escolar é composta por aproximadamente 250 estudantes sendo eles quilombolas, indígenas e moradores da região que não pertencem a esses grupos étnicos.

A outra, localizada em uma comunidade quilombola rural – Comunidade João Surá - no município de Adrianópolis, a 172 quilômetros de Curitiba. De atendimento regular, atende estudantes quilombolas da Comunidade e de comunidades vizinhas.

Para além dessas, no estado do Paraná existem mais de 50 escolas que

atendem estudantes oriundos de comunidades quilombolas e de comunidades tradicionais negras.

2.1 NO VALE DO RIBEIRA TEM UMA ESCOLA QUILOMBOLA

No ano de 2023 tivemos a oportunidade de participar do processo de elaboração de ementas para a Educação Escolar Quilombola no contexto do Novo Ensino Médio do Estado do Paraná. Evidenciamos antes de dar continuidade ao relato que, embora existam dois colégios quilombolas, optamos por descrever a experiência vivida no contexto rural e, portanto, trataremos nesse momento, somente sobre o Colégio Estadual Quilombola Diogo Ramos, na comunidade João Surá, em Adrianópolis, a 172 quilômetros da capital do estado, Curitiba, onde se localiza a sede da Secretaria de Estado da Educação.

Técnicas-pedagógicas recém-chegadas à Equipe de Educação para as Relações Étnico-raciais e Escolar Quilombola, o desafio era pegar a estrada sinuosa que circunda o Vale do Ribeira e estabelecer uma relação imersiva com a comunidade quilombola João Surá, em Adrianópolis, de modo a construir junto aos educadores do Colégio Quilombola Diogo Ramos e lideranças da comunidade, caminhos para uma escrita coletiva das ementas. A figura a seguir demonstra o trajeto.

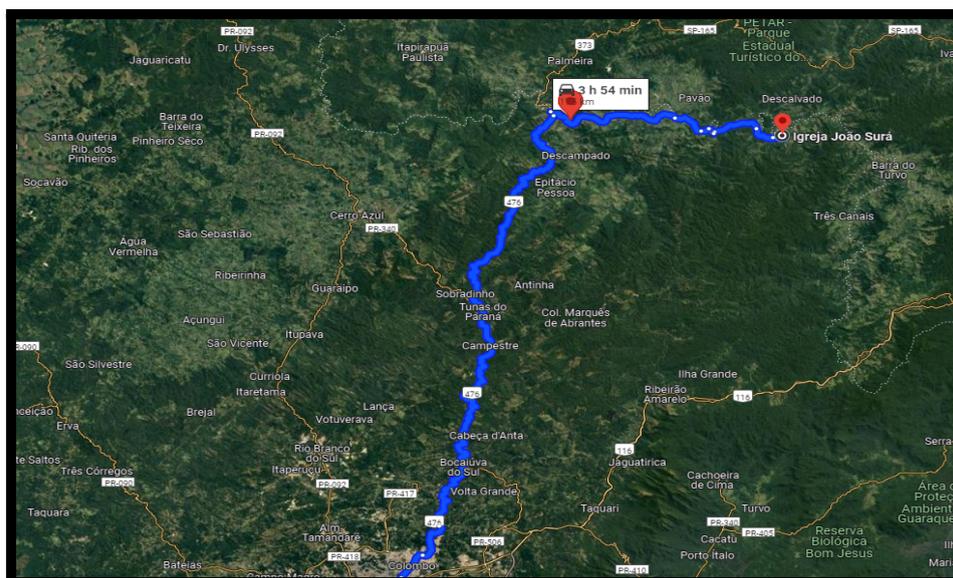


Figura 1: Mapa do trajeto Curitiba - Adrianópolis
Fonte: Google Maps

Num primeiro momento, a tentativa foi elaborar a escrita pela via digital. O combinado era o de realizar chamadas virtuais e, por ali mesmo, estabelecer diálogos reflexivos, debates conceituais que nos ajudassem a compreender a modalidade. Como era de se esperar, o encurtamento de distâncias pelo desenvolvimento tecnológico não abarca todos os lugares. Isto porque o acesso à internet de qualidade nesta comunidade não é uma realidade.

João Surá é uma comunidade quilombola localizada a 46 km do perímetro urbano da cidade. Para lá chegar, é preciso seguir uma estrada de chão batido avizinhada pelo Rio Pardo - divisa com o estado de São Paulo -, por moradias esparsas e por vegetações típicas da Mata Atlântica. A certa altura, passa a ser ladeada por plantações de pinus e eucaliptos; um problema que só viríamos a compreender em longas conversas regadas por café e um genioso pastel de farinha que, quando em processo de fritura, pede silêncio aos presentes para que nenhum estoure.

A placa que nos comunica a chegada à comunidade data de mais de 200 anos. A Casa da Memória - um dos primeiros imóveis visto de imediato - guarda fotos e utensílios que colaboram para a manutenção da história de quem ali primeiro chegou e dos que até hoje permanecem.



Figura 2: Casa da Memória
Fonte: Acervo pessoal - Sandra Aparecida da Silva

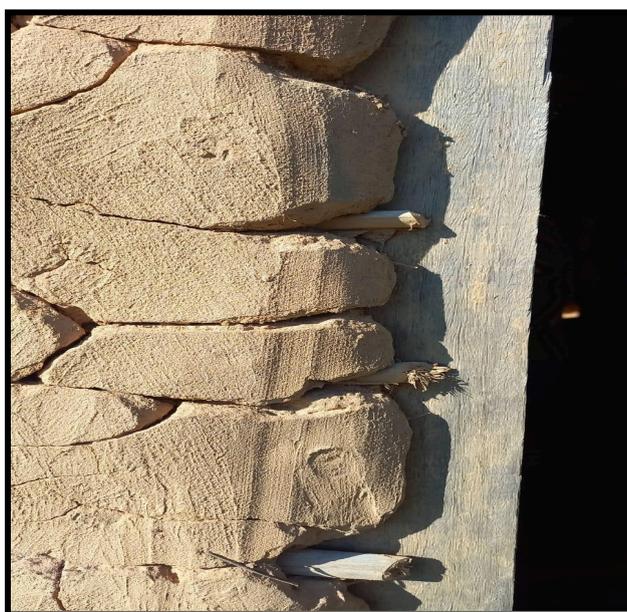


Figura 3: Casa da Memória
Fonte: Acervo pessoal - Gizele Cristiana Carneiro



Figura 4: Casa da Memória
Fonte: Acervo pessoal - Gizele Cristiana Carneiro



Figura 5: Casa da Memória.
Fonte: Acervo pessoal - Sandra Aparecida da Silva

Sem romantizar o encontro com o Quilombo João Surá e o modo como a vida ali se delineia, é preciso dizer: há uma acolhida afetuosa que nos irmana ao chão. Uma lembrança ancestral que nos coloca diante de uma vivência marcada pela resistência de muito antes.

O Colégio da forma como o conhecemos em 2023 conta pouca idade. Finalizado meses antes de nossa chegada, o Colégio Quilombola Diogo Ramos representa uma conquista da Comunidade Quilombola João Surá que compreende a educação escolar - respeitadas as singularidades de tradição quilombola - como um direito fundamental que sempre figurou como pauta na luta dos movimentos sociais Negro e Quilombola.



Figura 6 e 7: Colégio Diogo Ramos
Fonte: Acervo pessoal - Sandra Aparecida da Silva

Ao longo de 2023 realizamos três reuniões *on-line*, via *meet*, com a finalidade de, num primeiro momento, conhecer as educadoras e os educadores que efetivam a Educação Escolar Quilombola. Um momento para escutar e compreender a demanda, visto que estávamos de chegada. Estreitado o laço, organizamos duas viagens até a Comunidade na intenção de, junto às educadoras e aos educadores, em seu espaço de atuação pedagógica, elaborar melhor o que desejavam para as ementas.

Como ainda não conhecíamos o trajeto que levava até a Comunidade João Surá, nos hospedamos em um hotel na cidade vizinha a qual, pela distância de alguns passos, pertence ao estado de São Paulo. Percurso difícil, estrada de chão batido, período de extração de pinus. Compreendemos – depois de três dias de idas e vindas, muito pó e calor – que o melhor seria ter procurado pouso junto à Comunidade.

Na segunda viagem, já chegamos com a estada combinada: ficaríamos na “casinha”, “casinha verde”, “casinha da associação”...modo carinhoso de se referir à construção que, em outro momento, pertenceu ao Instituto Ambiental do Paraná.

Agora, com tempo espaçado para poder viver por alguns dias a rotina da escola, ler os documentos que embasam a Educação Escolar Quilombola, ouvir as histórias que por lá contam, compreender questões importantes da comunidade, as quais delinearíamos a escrita das ementas, pudemos enfim redigir junto às educadoras e aos educadores, um documento que contemplasse a ***identidade, vida e territorialidade quilombola***.



Figura 8: Colégio Diogo Ramos
Fonte: Acervo pessoal - Gizele Cristiana Carneiro

2.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DAS EMENTAS: DIFICULDADES E AVANÇOS

Durante esses encontros, foram levantados pontos cruciais como a necessidade de incluir conteúdos que valorizassem a história, a cultura e as tradições quilombolas. Além disso, discutimos a importância de uma abordagem pedagógica que considerasse as experiências de vida das/dos estudantes e a realidade das comunidades.

A construção das ementas nos possibilitou refletir sobre a modalidade de ensino e como transformar em práticas pedagógicas o que havíamos até então visto somente em teorias, por meio de materiais de estudo. Estar na comunidade, imersas nas vivências locais, conhecendo os seus modos de vida, como se relacionam entre si, com a natureza e com os saberes herdados dos mais velhos, que são os guardiões da memória e das tradições da comunidade, ampliou nossa percepção do que significa a Educação Escolar Quilombola. Dessa forma, pudemos dar início à escrita juntamente com as professoras e os professores quilombolas do Colégio Diogo Ramos.

A escrita dos textos aconteceu de forma coletiva, ouvindo os docentes, aprendendo sobre suas práticas. Assim, fomos estruturando as ementas a partir do que nos traziam como sendo o ideal para que cada componente curricular atendesse as necessidades dos jovens estudantes da comunidade, conciliando os saberes ancestrais com os conteúdos da Base Nacional Comum Curricular - BNCC.

Como resultado desse processo fomentado por meio de muitas trocas e aprendizados, a escrita das Ementas dos Itinerários Formativos do Novo Ensino Médio trouxeram como resultado componentes curriculares expressivamente marcados e embasados na cultura, no modo de vida e nos saberes quilombolas.

Para tanto, compartilhamos, a seguir, o sumário retirado do Caderno de Ementas dos Itinerários Formativos - Educação Quilombola publicado na página Escola Digital Professor, da Secretaria de Estado da Educação.

Nesse processo, os percalços enfrentados envolveram a dificuldade de acesso à comunidade, o que impossibilitou a ocorrência de mais encontros

presenciais com as professoras¹ participantes da escrita. Tivemos dificuldade, em especial, na construção da ementa do componente de inglês, pois se mostrou um desafio pensar em como trazer para a realidade da comunidade a língua inglesa, atendendo ao que está contido na BNCC, contemplando seus eixos organizadores: oralidade, escrita, leitura, conhecimentos linguísticos e gramaticais, e a dimensão cultural de modo que fizesse sentido para os estudantes e para a comunidade.

Ainda fazendo referência às dificuldades do processo de escrita, porém agora a partir dos relatos das professoras e constatado por nós, foi a de conciliar a docência, a escrita e as atividades acadêmicas das envolvidas no processo.

O cumprimento do cronograma inicial de entrega dos textos também foi um desafio justamente pelo acúmulo de tarefas das docentes. Por esse motivo, as professoras não conseguiam tempo para se dedicar de forma exclusiva à escrita, resultando no uso do tempo que seria destinado às atividades pessoais e familiares na elaboração das ementas.

¹ A escrita das Ementas aconteceu somente com as professoras do Colégio. Os únicos dois professores - um pedagogo e um professor de matemática - só participaram das primeiras conversas. Por isso justifica-se o uso do feminino.

CADERNO DE ITINERÁRIOS FORMATIVOS EDUCAÇÃO QUILOMBOLA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
<u>COLÉGIO ESTADUAL QUILOMBOLA DIOGO RAMOS</u>	<u>09</u>
Unidades Curriculares da Parte Flexível Obrigatória	09
Ancestralidade negra e luta por direitos	12
Identidade Quilombola – Vida e Territorialidade (Projeto de Vida)	20
Economia Solidária e Bem Viver	37
Itinerário Formativo Integrado de Matemática e Ciências da Natureza	54
Unidades Curriculares da Parte Flexível	54
Afromatemática	54
Jogos e Etnomatemática	63
A Física e a Cosmologia Quilombola	74
Biotecnologia e Etnobotânica Quilombola: Agroecologia nos Quilombos do Paraná	88
Itinerário Formativo Integrado de Linguagens e Ciências Humanas	97
Unidades Curriculares da Parte Flexível	97
Filosofia Decolonial	97
Oralidade, Poema e Prosa	108
Educação Física Afrocentrada	120
Manifestações Linguísticas e Literárias Afrodiaspórica e Quilombola na Língua Portuguesa	128
Pan Africanism and Black Culture	142
Arte em África	154
Filosofia Decolonial	164
Quilombo: Território e Cultura	175
Ervas Medicinais	185
Biologia nos Territórios Quilombolas-Produção Animal	196
Cosmologia Quilombola	208

Figura 8: Sumário do Caderno de Ementas dos Itinerários Formativos - Educação Quilombola
Fonte: Escola Digital Professor, da Secretaria de Estado da Educação.

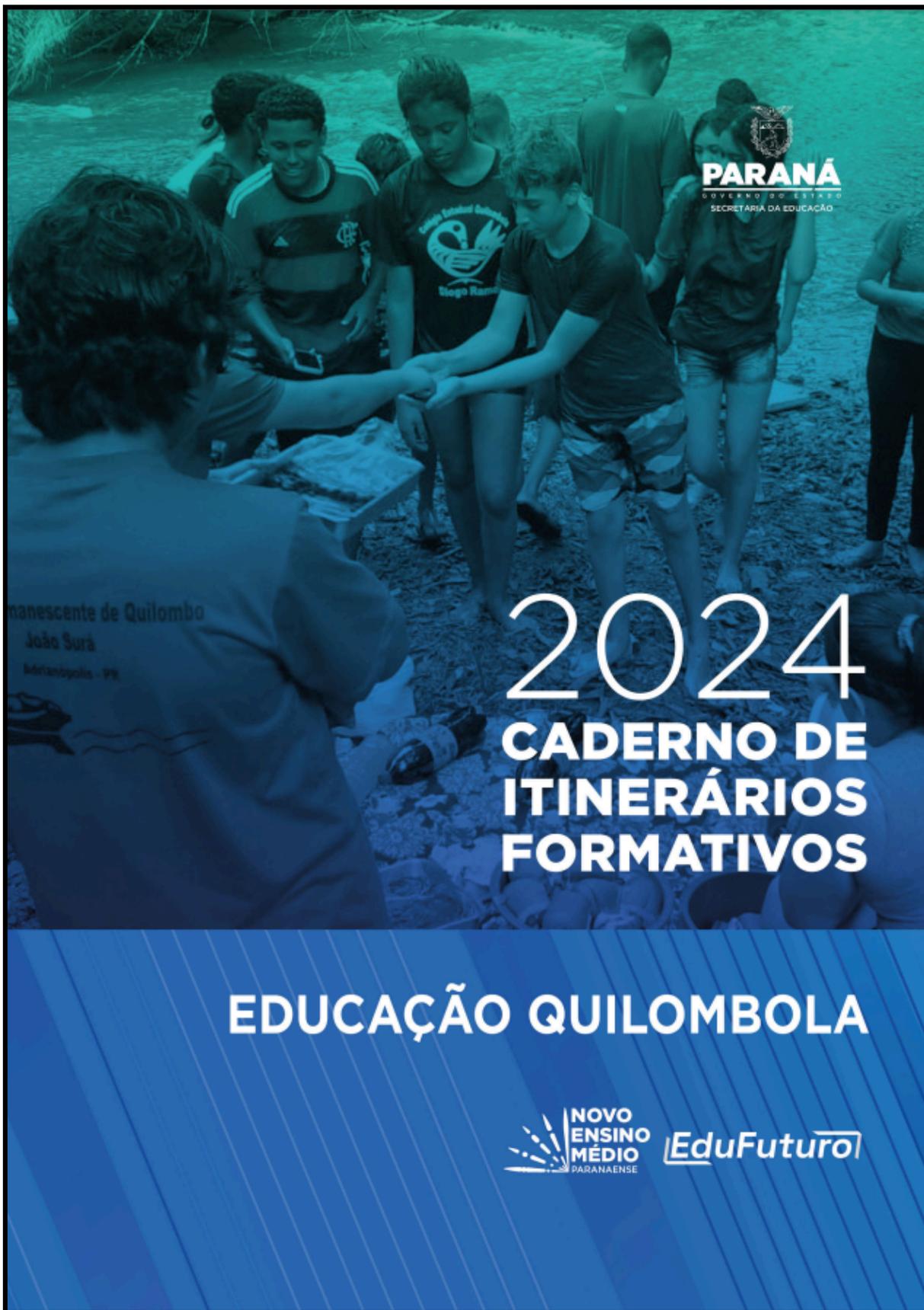


Figura 9: Capa do Caderno de Ementas dos Itinerários Formativos - Educação Quilombola
Fonte: Escola Digital Professor, da Secretaria de Estado da Educação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação escolar quilombola desempenha um papel crucial na valorização e preservação das identidades culturais e sociais das comunidades quilombolas, promovendo um espaço de aprendizado que respeita e integra seus saberes e práticas. Essa modalidade educativa não se limita à transmissão de conhecimentos formais, mas busca fortalecer a autonomia dos alunos e fomentar um ambiente que reflita suas realidades. Ao abordar questões como a história, a cultura e os direitos dos quilombolas, a educação escolar quilombola se torna um instrumento de empoderamento, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas origens e contextos.

Nesse sentido, ao participarmos da produção da escrita das ementas dos Itinerários Formativos para o Novo Ensino Médio na modalidade da Educação Escolar Quilombola, pudemos compreender ainda mais sobre a importância de pensar a educação como uma política pública que, a partir da compreensão a diversidade cultural, deve garantir as especificidades das comunidades tradicionais na construção de um fazer pedagógico que tenha os seus modos e jeitos.

4. REFERÊNCIAS

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/etnico_racial/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf. Acesso em: 26 set. 2024.

BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/plano.pdf>. Acesso em: 26 set. 2024.

PARANÁ. Caderno Itinerário Formativo - Educação Quilombola. Disponível em: <https://acervodigital.educacao.pr.gov.br/pages/download.php?direct=1&noattach=true&ref=55779&ext=pdf&k=0e26b39e7d>. Acesso em: 29 set. 2024.